

# O espaço de leitura como fonte de prazer

Verónica Pontes e Fernando Azevedo

Para falar de leitura e de um espaço em que a mesma possa ter lugar de forma frutiva e atraente, propomos uma reflexão em torno deste conceito, bem como esclarecermos os eixos de um espaço de leitura efectivo e real, esclarecendo a sua identidade, finalizando o capítulo com uma breve reflexão acerca da sua dinamicidade e visualização.

## PARA COMEÇAR...

Queremos inicialmente propor uma sistematização de reflexões em torno do espaço de leitura, entendendo-o como capaz de suscitar prazer, encantamento, envolvimento, bem como capaz de atrair leitores e produzir futuros leitores. Por isso, propomos uma reflexão sobre os espaços de leitura possíveis e os existentes, sobre como viabilizar espaços de leitura que possibilitem o prazer de ler e pensar a leitura como algo de frutivo e agradável.

No entanto, para falarmos em espaço de leitura dessa forma, não podemos deixar de lado, nem em segundo plano, a figura do mediador de leitura, que é o agente responsável pela organização, sistematização de acções de leitura, e capaz de proporcionar ao leitor o ambiente propício para o deleite das obras literárias lidas, das histórias ouvidas, ou simplesmente das informações colhidas.

Se estamos a falar em espaço de leitura, é conveniente que explicitemos o seu conceito. Para nós, a leitura é um acto amplo, que requer compreensão, concepção essa defendida também por autores como Smith (1991) e Freire (1983), entre outros.

A reflexão sobre leitura começa com o conceito de leitura como uma acção complexa, que exige capacidade de pensar e de reflectir e que, por isso, se torna subjectiva, envolve as informações apresentadas pelo texto que o leitor já possui e já traz consigo mesmo. Para Smith (1991), seria o repertório de leitura e para Freire (1987), a leitura de mundo.

A leitura vista dessa forma ampla está distante da que esteve presente nos resultados das avaliações em Portugal, realizadas pelo PISA nos anos de 2000, 2003 e 2006, quando os nossos alunos, ao serem avaliados no seu desempenho, se apresentaram num nível muito baixo de compreensão leitora, que foi caracterizado como nível 2 de leitura, numa escala geral que vai do 1 a 6.

**PISA**

Acrónimo do termo *Programme for International Student Assessment*, isto é, Programa Internacional de Avaliação do Desempenho, que envolveu 41 países da OCDE e em que participaram mais de 250.000 alunos, com a idade de 15 anos. De entre os países envolvidos estão o Brasil e Portugal.

Pensamos em leitura, pensamos em espaços de leitura e o que fazer nesses espaços. Dessa forma, estabelecendo a relação do conceito de leitura com o espaço onde esta vai ser desenvolvida, passamos a caracterizá-lo como um local, lugar repleto de significado, entusiasmo, motivação para ler; verdadeiro lugar de diálogo entre leitor e texto, entre leitor e leitor; espaço de caça a possíveis leitores;

local agradável, sedutor, viabilizador das leituras diversas; lugar de encanto, magia, onde se pode imaginar ou sonhar; e ainda um espaço de leitores experientes, leitores iniciantes, leitores apenas.

Lobato (1964: 38) compartilha connosco a sua noção deste local quando afirma:

“O prazer das crianças é ali intenso, porque podem mexer à vontade. O «não faça isso, não bula nisso» não existe. Podem tirar das estantes os livros que desejarem, dois, três, quatro ao mesmo tempo, e vê-los, lê-los, cheirá-los quanto quiserem, onde e como quiserem – no chão, como os nossos dois futuros aviadores, nas mesinhas, nas cadeirinhas de balanços, e nem sequer necessitam repô-los no lugar. Nenhuma obrigação ali, além da de se regalarem com a livralhada deliciosa.”

Perguntamos então: que tipo de leitor é esse para quem falamos aqui? E pensamos no leitor/aluno, aquele que faz parte do contexto escolar, com dúvidas, necessidade de aprender, conhecer o mundo, e no leitor/criança que é dinâmico, lúdico, criativo, inquieto, comunicativo.

E, por ser assim, é um leitor que se deixa envolver, mas que exige envolvimento, que tem dúvidas, mas quer esclarecimento, que quer conhecer o mundo e espera que esse mundo o leve além do que simplesmente vê, um mundo que fascina, que proporciona visualizar novos horizontes ainda não vistos, ou apenas recordados. É assim que entendemos esse provável leitor.

## UM POUCO DA IDENTIDADE E CONCEPÇÃO DESSES ESPAÇOS DE LEITURA...

Daí então gostaríamos de alicerçar as nossas discussões em torno dos espaços possíveis e necessários para a articulação da leitura literária e do gosto de ler. Um desses espaços é a biblioteca, que teremos que contextualizar mais amplamente, e falar um pouco da história da sua origem aos dias actuais, e essa história “(...) é a história do registo da informação, sendo impossível destacá-la de um conjunto amplo: a própria história do homem” (Milanesi, 1986: 16).

É assim que contamos essa história e destacamos que, conforme o registo das informações se foi aprimorando, verificou-se a necessidade da criação de sistemas de armazenamento que proporcionassem um maior controlo e recuperação dessas informações.

A biblioteca surge, então, a partir da necessidade de se reter informações que precisam ser preservadas, evitando assim a sua dispersão. É importante relatarmos um pouco como eram retidas essas informações. Inicialmente, as informações eram retidas em placas de argila (séc.VII a. C.) que continham inscrições cuneiformes – forma antiga de escrita; essas placas eram utilizadas pelos sumérios, assírios e babilónios.

O papiro (tipo de planta) também serviu de suporte da escrita e era utilizado no Egipto; como era mais leve, passou a ser a melhor forma de se escrever, contribuindo, assim, para a produção de mais escritos. O rolo de papiro tinha o nome de *volumen*, utilizado hoje tanto para se referir à quantidade de livros existentes como para classificá-los numa sequência numérica (vol. 1, vol. 2...) de um mesmo tema, servindo também para numerar enciclopédias.

Para substituir o papiro surge o pergaminho (feito de pele de carneiro ou de outros mamíferos) que, recortados e unidos, se transformavam em algo parecido ao nosso livro de hoje. Apesar do alto custo do papiro e do pergaminho, existia uma certa produção escrita que permitia formar bibliotecas, como a de Alexandria (destruída em 47 a. C.) que chegou a comportar cerca de 500 mil volumes.

Não podemos deixar de lembrar que a humanidade teve uma grande contribuição da nobreza com as suas colecções particulares (de alto custo) e, principalmente, dos cristãos para a preservação de obras literárias, visto que esses se interessavam em formar acervos litúrgicos e os religiosos transcreviam escritos manualmente para os pergaminhos, num trabalho paciente e puramente artesanal.

Foi com as placas de argila, o papiro e o pergaminho que se avançou nas técnicas de registo do conhecimento:

“A evolução da escrita teve um maior impulso com o surgimento do papel e a invenção da imprensa por Gutenberg. Com o advento da imprensa, ocorre uma divisão do trabalho, visto que o registo do conhecimento humano deixa de ser uma tarefa artesanal e passa a ser produzida em série, em grande escala. Tal processo barateou o custo operacional do livro, tornando-o acessível” (Freitas Neta, 1993: 37).

Esse facto fez com que o livro transcendesse os conventos e os muros dos homens do poder, chegando às pessoas, num número maior.

Com a evolução da escrita, “as bibliotecas deixaram de ser tesouros para se tornarem serviços e os livros perderam o seu valor material para se tornarem material de consumo, tornando-se domésticos” (Milanesi, 1986: 21).

Avolumaram-se então esses espaços onde os livros serviam para ser lidos e divulgados e então os livros passaram de tesouros guardados a sete-chaves para serem de uso comum do povo.

Com o surgimento da escola, com as transformações sociais, entre elas a industrialização, a partir do início do século passado a biblioteca passa de organizadora do saber a sistematizadora do acesso às informações, como elemento necessário ao desenvolvimento.

Dessa forma, a pesquisa passa a ser o elo que une os estudantes ao saber e a biblioteca passa a ser o local para a realização dessa actividade.

No entanto, as actividades de pesquisa reduzem-se a práticas frequentes de transcrições de livros, sem qualquer orientação do professor, como afirma Antunes:

“(...) o professor dá um tema ao aluno sem que haja um preparo prévio na biblioteca da escola (...) – quais as fontes a serem consultadas e mais, como tomar notas? O que fazer com as anotações? Etc., etc. (...) Em mãos mais “experientes”, a questão passa a ser resolvida pelo bibliotecário ou responsável pela biblioteca – escolar ou pública – mas, sem o preparo prévio, sem um aviso antecipado e contando sempre com os acervos desactualizados” (Antunes, 1987: 62-63).

O livro passou a ser um meio de realização de trabalhos escolares, acto puramente mecânico de transcrição dos assuntos exigidos, o que modifica totalmente a ideia de pesquisa como busca de resposta a dúvidas, que sugere reflexão, tomada de decisão e formulação de ideias advindas das informações encontradas e do conhecimento que cada um possui.

Nesse contexto, em que a biblioteca serve de armazenamento de informações para cumprimento de deveres escolares, o responsável pela biblioteca tem como tarefa organizar livros nas estantes e indicar a obra e a página que muitas vezes é meramente copiado o assunto procurado pelo aluno, tornando os alunos meros receptores de informações.

Silva retrata essa situação caótica das bibliotecas escolares, ao afirmar:

“Quando existem na escola espaços denominados bibliotecas, estes não passam, na maioria dos casos, de verdadeiros depósitos de livros ou, o que é pior, de objetos de natureza variada, que não estão sendo empregados no momento, seja por estarem danificados, seja por terem perdido sua utilidade” (Silva, 1995: 13).

## E A BIBLIOTECA COMO ESPAÇO DE LEITURA?

A biblioteca como local de informação deve colocar ao alcance do público as informações necessárias. Tratando-se de bibliotecas escolares, devem servir de busca a vários conhecimentos, de áreas diversas, nos quais sejam veiculadas opiniões que divergem entre si, conflitantes, contraditórias.

O acesso livre à informação e ao vasto mundo literário com as suas obras de referência, história, ficção e lazer, levando a uma gama de opções de leitura, promovendo o contacto agradável com os livros, é que formará o gosto pela leitura, dando sentido à existência desses espaços.

O leitor da biblioteca escolar deve ser aquele que busca nessas informações variadas um saber que lhe possibilite tirar as suas próprias conclusões, formando assim um novo conhecimento.

No entanto, a biblioteca tal como se tem apresentado até então preocupa-nos porque tem demonstrado que parece ser desnecessária na escola, visto que não tem função definida, não se apresenta articulada à acção do professor, nem ao saber que deve ser disseminado por ela, e menos ainda ao despertar da leitura nos alunos e na comunidade. Há uma conformidade aparente de que tudo está bem, em que todos silenciam e optam por deixar como está.

As pessoas que tomam conta das bibliotecas escolares, pelo que podemos observar nas nossas pesquisas e observações, tanto no Brasil como em Portugal, são geralmente professores que deixam as suas funções de sala de aula, por estarem doentes ou cansados demais de ensinar; alguns já prestes a se aposentarem. Essa constatação também é feita por Silva (1995: 14): “Vale lembrar (...) os casos de professores que, por doença, velhice ou fastio pedagógico são “encostados” nas bibliotecas das escolas, visto que este é, no espaço escolar, o melhor lugar para o repouso profissional, até que chegue a aposentadoria ou outra oportunidade de trabalho.” Estes responsáveis pela biblioteca vivem à espera de leitores que já saibam o que ler, que façam silêncio, não perguntem sobre livros que desejariam, ou seja, não incomodem a ordem vigente nesse espaço.

Esses profissionais passam a maior parte do tempo limpando e arrumando as estantes e os seus livros, esquecendo que, além de se tratar bem dos instrumentos que utilizam para trabalhar, devem conhecê-los e saber como utilizá-los, senão o seu trabalho passa a não ter sentido. E é isso que está a acontecer com a biblioteca: ela está, por vezes, sem utilidade educativa, prestes a falecer como instrumento de veiculação do saber e da cultura.

A conformidade em relação a esse quadro apresentado induz os futuros leitores a meros espectadores do saber passado pelos professores, o que reduz a busca por um conhecimento mais amplo, como também por uma transformação social, em que se dê a democracia “de verdade”, e que sejamos cidadãos críticos, actuantes, podendo pois optar por decisões políticas, económicas, profissionais e culturais no nosso país, sendo assim conscientes que somos formadores da nossa própria história.

Para isso é preciso que a biblioteca deixe de ser apenas um espaço onde se guardam livros, em que o privilégio de tratamento é dado a esses, em detrimento do leitor, razão de ser da biblioteca.

## PARA SER POSSÍVEL LER NO ESPAÇO DE LEITURA: VISUALIZAÇÃO E DINAMIZAÇÃO

Entendemos que, ao surgir, a biblioteca era conservadora e a sua missão era organizar os poucos livros que se produziam, para transmissão de uma geração a outra do acervo cultural da humanidade.

Estamos no século XXI e esse quadro deve ser modificado, a sociedade desenvolveu-se e exige o acesso às informações; os livros encontram-se na biblioteca para serem lidos. Dessa forma, os responsáveis pela biblioteca devem voltar-se para o atendimento ao leitor, organizando esse espaço em função da melhoria desse atendimento, lembrando sempre que:

“(...) a mensagem de um autor não tem nenhum valor se não é assimilado por um leitor e o livro não tem outra razão de ser que a de ser lido (...) A biblioteconomia tradicional desenvolveu-se partindo do livro e nele se baseia, a biblioteconomia do futuro terá de ser fecundada a partir do leitor, nele baseando-se” (Escobar *apud* Melo, 1983: 28).

Para que o leitor tenha acesso à leitura, a biblioteca deverá assumir uma nova postura, em que amplie conhecimentos, proporcionando o acesso crítico a esses conhecimentos e o estímulo à leitura de prazer.

Por isso, Milanesi (1986) afirma que o aceder livremente à informação, podendo extrair dela o máximo possível, num acervo em que o exercício da liberdade possibilita o seu contacto, faz romper com um ensino tradicional que tenta impor a verdade e fazer com que esta seja usada sem discussão.

O acesso livre à informação e ao vasto mundo literário com as suas obras de referência, de história, de ficção e de lazer, levando a uma gama de opções de leitura, promovendo o contacto agradável com os livros, é que formará o gosto pela leitura, dando sentido à existência de bibliotecas escolares. Assim,

“Inserida no estágio do ensino que dedica cuidados especiais à criança e ao adolescente, uma biblioteca funcional é aquela que desempenha uma função específica dentro da programação e técnicas escolares. Ambiente carregado de motivações é o local por excelência onde a criança aprende a gostar de ler, a se auto-expressar, a se educar” (Amato, 1989: 14).

Concordamos com Zilberman (1988) quando diz que a biblioteca é uma das formas que a escola e a comunidade dispõem para impor a sua marca na cultura e na história, pois só através do conhecimento adquirido pela leitura da palavra é que o indivíduo pode integrar-se na sociedade em que vive, rever a sua condição para, a partir daí, agir em busca de uma acção transformadora da sua realidade.

Essa acção transformadora da realidade implica uma invenção e reinvenção desta, que só é dada com a participação e o envolvimento de todos os segmentos da escola. E para esse envolvimento acontecer, os que fazem o espaço de leitura, seja biblioteca ou sala de leitura, precisam pensar esses espaços mais adequadamente, e aqui direccionamos o nosso olhar para a visibilidade e dinamização.

Ao falarmos em visibilidade do espaço, ligamos esse conceito ao conceito de *marketing*, que é entendido como uma “acção de fixar na mente das pessoas que um determinado produto ou serviço tem qualidade superior, merece ser visto, merece ser consumido, pode ser comprado, pode ser incorporado, precisa receber apoio (...)” (Garcia, 2007: 60).

Essa visibilidade no espaço de leitura tem uma função estética respeitando os elementos materiais e simbólicos, diferentes em cada cultura, não se padroniza, mas deve estar compatibilizado com os projectos educativos na qual se inserem os espaços. Para uma visibilidade externa pode-se começar com a criação do nome e com o fortalecimento da marca, da identidade e projecção desse espaço, para então vender a ideia do trabalho a ser feito, o que podemos dizer também que seria a venda do espaço para a comunidade usuária e externa. Claro que a venda de que falamos aqui não diz respeito ao lucro e ao valor monetário usualmente utilizado, mas diz respeito ao valor da oferta, do trabalho, enquanto qualitativo que é, com ideias próprias e capazes de serem absorvidas pela comunidade.

Para uma visibilidade interna teremos de levar em conta o conforto, a ventilação, a iluminação, a acústica, o acervo, o mobiliário, a estrutura física e os equipamentos.

O conforto seria retratado no espaço aconchegante da sala, das almofadas distribuídas, uma poltrona ou sofá, cadeiras, tapetes.

Indicaríamos para a ventilação e iluminação uma abertura lateral necessária (porta e janela) ou na cobertura da sala, alguns pergolados, uma vegetação de médio ou grande porte em frente à janela, ventiladores, persianas, cortinas e nenhuma incidência solar directa sobre o livro.

A acústica pode ser feita com revestimentos de parede, piso e forro como tecidos, carpetes (cuidados com reacções alérgicas), materiais de absorção de ruídos como os emborrachados.

O acervo distribuído nas estantes deve ser feito de forma visível e palpável, as obras literárias devem ser diversificadas com poesias, contos de fadas, contos populares, fábulas, poemas, mitos, entre outras. Deve estar catalogado e disposto adequadamente.

O mobiliário deve ser composto por estantes, cadeiras, mesas, redes, almofadas coloridas, armários, murais, entre outros.

Enfim, a estrutura física em geral deve ter uma sala ampla com cores, imagens, cheia de vida, com paredes pintadas e limpas. E outros equipamentos podem também estar presentes visto a necessidade na sociedade dinâmica e actual de hoje, como computadores, impressoras, teatro de fantoches e outras invenções criativas. Quanto à dinamização desse espaço podemos sugerir situações variadas, desde as já conhecidas e realizadas nas nossas escolas, como as sugeridas por alguns autores (Albuquerque, 2000; Debus, 2006), como a hora do conto, que é um momento de conto de histórias, o avental de contar histórias, confeccionado com tecido, feltro ou orlon, onde as gravuras que ilustram a história são afixadas com velcro.

A caixoteca, de aparência neutra e forrada com papel pardo, é uma caixa que guarda segredos narrativos, já os dedoches são miniaturas de fantoches que são colocados nos dedos para contar histórias.

Os saraus literários não poderão deixar de existir nesses espaços devido à sua dinamicidade e facilidade. Neles poderão estar presentes escritores locais que dialoguem com os leitores sobre as suas obras e contem algumas histórias suas. Claro que antes dos saraus a escola deve proporcionar leituras dos títulos do autor convidado.

Além dessas sugestões podemos inserir também feiras de livros, intercâmbio de leituras, círculos de leitura, entre outros tantos que a escola é capaz de criar.

## PARA ONDE QUEREMOS IR?

Então sugerimos agora pensarmos num espaço de leitura possível e gostaríamos que reflectissem connosco através do conto de Alice:

“Alice, perdida, perguntou ao Chapeleiro Maluco:

– Onde vai dar esse caminho?

O Chapeleiro Maluco respondeu com outra pergunta:

– Onde você quer ir menina?

Alice, pega de surpresa, com uma resposta-pergunta disse:

– Ah... Não sei.

O Chapeleiro Maluco, concentrado em sua resposta, respondeu-lhe:

– Ora...ora... Para quem não sabe aonde quer ir qualquer caminho serve!”

Somente é possível sabermos qual caminho percorrer se formos capazes de saber para onde iremos. E na tentativa de formar leitores, precisamos estar cientes do nosso papel e do nosso objectivo no sentido de fomentar a leitura de obras literárias e não de qualquer leitura escolar. Precisamos estar conscientes de que o nosso trabalho está direccionado para a leitura de fruição e não para a que é feita por obrigação.

Cientes disso, é preciso que saibamos que as obras literárias têm as suas particularidades e que devem despertar e ampliar a imaginação, devendo ser escolhidas pelo leitor, sem cunho didáctico ou moral. É igualmente importante que as obras, na pluralidade de géneros que integram a literatura infantil, possuam uma estrutura simbólica em que o leitor se possa projectar e, latamente, se revelem capazes de ampliar as suas habilidades perceptivas.

Permitam-nos, para finalizar, apresentar uma comparação de Colomer (2007: 51), em seu livro *Andar entre livros*, entre o pescador e o leitor que diz assim:

“O leitor é um pescador. O leitor lê como um pescador pesca. É solitário, imóvel, silencioso, atento ou meditativo, mais ou menos hábil ou inspirado. Considera-se evidente que o leitor é leitor quando lê como o pescador é pescador quando pesca, nem mais nem menos. Aprender a pescar como aprender a ler consiste então em dominar certas técnicas básicas e experimentá-las, progressivamente, em correntes de água ou frotas de texto cada vez mais abundantes.”

Essa abundância de leitura, essa busca pela formação de leitores será realizada pelos que fazem a escola, como um projecto de cidadania, e por isso colectivo e com o envolvimento de todos os membros da comunidade escolar.

A partir dessa participação dos envolvidos no processo educativo procuraremos consolidar um processo educativo condizente, voltado para a formação de pessoas conscientes, críticas, actuanes, que participem e saibam, entendam o porquê dessa participação; que, ao criticarem, tenham sugestões, criem novos conhecimentos, tenham a coragem de explorar e modificar o existente mas não útil e, assim, formaremos seres pensantes e não meros receptores de um conhecimento muitas vezes obsoleto, sem nenhuma ou pouca relação com a realidade em que vivemos. Dessa forma, a leitura se tornaria um acto de resistência, como afirma Daniel Pennac (1993: 80-81):

“(...) De resistência a quê? A todas as contingências. Todas:

- Sociais;
- Profissionais;
- Psicológicas;
- Afectivas;
- Climáticas;
- Familiares;



- Domésticas;
- Gregárias;
- Patológicas;
- Pecuniárias;
- Ideológicas;
- Culturais;
- Ou umbilicais.

Uma leitura bem levada nos salva de tudo, inclusive de nós mesmos. E, acima de tudo, lemos contra a morte.”

Não esquecendo que acima de tudo a leitura que aqui tratamos é a leitura enquanto fonte de prazer, enquanto capaz de suscitar encantamento, magia, seduzindo o leitor para ler mais e mais, para descobrir o que o texto contém, interagindo com as suas ideias, os seus pensamentos, os seus conhecimentos e a sua própria vida. Para que, ao ler, possamos enveredar pelos caminhos mágicos dos personagens aflitos ou não, perseguidos ou aliviados da perseguição, dos heróis que enfrentam os desafios e sempre os vencem, das maravilhosas histórias que nos fazem caminhar pelas belas palavras tão cheias de emoção e encantamento que nos faz sentir, ver, ouvir, conhecer mundos diversos, vidas diversas, muitas vezes fazendo a nossa ali participar e envolver os nossos sentimentos num fio mágico da varinha de condão, do passeio pelo bosque, da maçã escondida, do beijo do príncipe que chama para a realidade maravilhosa do viver.

Esse encantamento precisa de ser procurado no leitor para que ele sinta prazer ao ler, para que assim o livro seja fonte de deliciosas invenções e descobertas, fazendo fluir a imaginação, doce fruto do pensamento do ser humano.

É esse livro, ou são esses textos, obras literárias cheias de imagem ou não, que valem a pena ser lidos nas escolas, nos espaços de leitura que fazem viver os personagens das histórias contadas, lidas, ouvidas, sem no entanto procurarmos ensinar algo, nem procurarmos um só norte, um só horizonte, mas fazer cada um ver a beleza através do seu olhar cheio de experiências da sua própria vida, tão particular, tão única, tão sua.

A dimensão afectiva está presente no encontro entre o leitor e o texto e faz com que a obra literária seja objecto de plenitude mágica nessa relação leitor-livro, e ao falar sobre essa relação pode ocasionar um entrelaçamento tão próximo que ficção e realidade sejam vias paralelas, caminhando lado a lado.

Para finalizar, mostramos aqui, nas palavras de Daniel Pennac (2006: 17), uma reacção especial onde adulto e criança, leitor e texto se contaminam e se envolvem:

“(…) O deslumbramento absoluto diante dessa vida nova nos deu uma espécie de inspiração. Para ele, nos transformamos em contador de história. Desde o seu desabrochar para a linguagem, nós lhe contamos histórias. E essa aptidão nos dava fôlego. Para ele, multiplicávamos os personagens, encadeávamos os episódios, refinávamos as armadilhas... Como o velho Tolkien para seus netos, inventávamos para ele um mundo. Na fronteira entre o dia e a noite, nos transformávamos em

romancista, só dele. Se não tivéssemos esse talento, se apenas contássemos para ele as histórias dos outros, e mal, buscando as palavras, estropiando os nomes próprios, confundindo episódios, casando o começo com o final de outro, nada disso teria importância... E mesmo se não contássemos histórias, mesmo se nos contentássemos a ler em voz alta, nós, ainda assim, teríamos sido o romancista dele, o contador único por que, no final de cada dia, ele escorregava dentro dos pijamas do sonho antes de dissolver nos lençóis da noite. (...) Assim era a dupla que formávamos na época, ele leitor, e tão sagaz, e nós o livro, e tão cúmplice!"

### Para reflectir

- Pense na leitura de deleite, de encantamento e a leitura que você proporciona ao seu aluno. Reflita sobre esta leitura e tente entender se há diferença, e se há por que acha que existe, e o que há de diferente?
- Existe um espaço de leitura na sua escola?
- O espaço de leitura existente permite o livre acesso dos seus alunos?
- Já experimentou ler com os seus alunos, na sua sala de aula, simplesmente pelo prazer de ler?
- Que tal deixar os seus alunos escolherem os seus próprios livros de literatura?
- Os contos ainda vivem na sua escola? Se sim, de que forma? Exemplifique com algumas situações.
- Há troca de livros lidos pelos alunos ou pelos professores?
- Alguma vez viu a sua casa, a sua família, os seus amigos como fazendo parte da história lida ou contada?

### Referências Bibliográficas

- ALBUQUERQUE, F. (2000) *A Hora Do Conto: Reflexões Sobre A Arte De Contar Histórias Na Escola*. Lisboa: Teorema.
- AMATO, M. et al. (1989) *A Biblioteca Na Escola*. In A. Nery et al. *Biblioteca Escolar: Estrutura E Funcionamento*. São Paulo: Loyola.
- ANTUNES, W. DE A. (1987) Onde Estão As Bibliotecas Escolares? In *Cadernos do CED*, Florianópolis, n.10, jul./dez, pp.58-66.
- ARAÚJO, E. A. DE (1991) *O Discurso Do Livro Como Discurso Do Estado. Estudo De Caso No Instituto Nacional Do Livro - INL*. Dissertação - Universidade Federal da Paraíba.
- BURLEY, H. E. (1984) O Menininho. In M. Prates. *Reflexão e Ação Em Língua Portuguesa*. 6ª série. São Paulo: Brasil, Cap. 5, pp.80-81.
- CARVALHO, A. M. (1984) *A Biblioteca Na Escola*. Fortaleza: SESI/SENAI.
- CASCUDO, L. DA C. (2002) *Lendas Brasileiras*. São Paulo: Global.
- DEBUS, E. (2006) Explorando As Potencialidades Da Língua E Da Literatura Infantil E Juvenil. A Leitura Literária, A Escola E Biblioteca Escolar: Inquietações. In F. Azevedo (coord.) *Língua Materna E Literatura Infantil. Elementos Nucleares Para Professores Do Ensino Básico*. Lisboa: Lidel, pp. 325-335.
- FREIRE, P. (1987) *Literacy: Reading The Word & The Word*. New York: Bergin & Garvey.
- FREIRE, P. (1983) *A Importância Do Ato De Ler: Em Três Artigos Que Se Completam*. 3.ed. São Paulo: Cortez.
- FREITAS NETA, A. DE (1993) *Uma Experiência De Articulação Biblioteca-Sociedade: Resgate Histórico Das Bibliotecas Populares Na Campanha "De Pé No Chão Também Se Aprende A Ler"* - Natal, RN: 1961-64. João Pessoa: UFPB.

- LOBATO, M. (1964) *América*. São Paulo: Brasiliense.
- MELO, J. M. DE (1983) Os Meios De Comunicação De Massa E O Hábito De Leitura. *Leitura: Teoria E Prática*. v.2, pp.17-33.
- MILANESI, L. (1986) *O Que É Biblioteca*. 4.ed. São Paulo: Brasiliense.
- MILANESI, L. (1991) *A Casa Da Invenção*. São Paulo: Siciliano.
- PENNAC, D. (1993) *Como Um Romance*. Tradução de Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco.
- ROCHA, R. (2000) *As Coisas Que A Gente Fala*. Rio de Janeiro: Rocco.
- SALIBA, C. A.B. et al (1987) Biblioteca Pública À Biblioteca Popular: Análise Das Contradições De Uma Trajetória. In: *Revista Esc. Biblioteconomia*. UFMG, v. 16, n.1, pp. 19-42.
- SILVA, W. C. DA (1995) *Miséria Da Biblioteca Escolar*. São Paulo: Cortez.
- SMITH, F. (1991) *Compreendendo A Leitura: Uma Análise Psicolinguística Da Leitura E Do Aprender A Ler*. 3.ed. Porto Alegre: Artes Médicas.
- ZILBERMAN, R. (org.) (1988) *Leitura Em Crise Na Escola: As Alternativas Do Professor*. 9.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto.

## Para aprofundar...

- PENNAC, D. (1993) *Como Um Romance*. Tradução de Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco.
- Obra muito pertinente, onde o autor trata da leitura, de forma clara, simples e prática. Como o próprio título indica, a leitura é discutida e analisada, fazendo um percurso pela forma como é introduzida na escola, em nossos lares pelos nossos pais através das histórias contadas, pela escolarização literária tão frequente e não apropriada em nosso contexto actual. Assim, Pennac leva-nos a reflectir sobre a leitura literária de forma subtil e explicada, sem perder o encantamento de uma história contada.
- JOSÉ, E. (2007) *Literatura Infantil: Ler, Contar E Encantar Crianças*. Porto Alegre: Mediação.
- Neste livro, Elias José, escritor brasileiro de literatura infantil, fala-nos do encantamento das crianças ao ler, ouvir, contar histórias. As narrativas tratadas aqui não falam de moralismo, lições de casa, nem normas e deveres, mas são histórias que identificam o leitor, que convidam a criança a ler e a vivenciar cada momento escrito no texto. E é por tudo isso que esses livros são considerados obras literárias. O autor deixa bem claro, através de alguns outros autores e também da sua própria vivência literária, a necessidade do conto, da poesia na vida das crianças para que assim possam encantar-se com o acto de ler.
- RODARI, G. (1982) *Gramática Da Fantasia*. São Paulo: Summus.
- Gianni Rodari retrata, neste livro, a fantasia, a criatividade e o fantástico de forma coerente, envolvente e educativa. O autor mostra em 45 capítulos a importância da imaginação no processo educativo, através de exercícios práticos, em que a palavra é libertada e utilizada de várias formas, provocando e envolvendo os participantes do processo. Os temas abordados pelo autor são diversos e provocantes, favorecendo, deste modo, a expansão do pensamento e o exercício livre das palavras, tão importantes para a vida dos nossos alunos. Assim é que, através de temas como "pedra no pântano", "o que aconteceria se...", Rodari faz a imaginação florescer e mostra como ela pode ser cultivada no dia-a-dia da sala de aula, fazendo com que possamos acreditar num mundo melhor, e esse é o papel da educação: fazer pensar, transformar, modificar o já existente tendo em vista a expansão da sociedade e do conhecimento, visando um mundo melhor onde a expressão e o desejo de mudar sejam bem vistos e cheios de possibilidades.